ARTIGO DE OPINIÃO

RACISMO

Intolerância à flor da pele

A bandeira da democracia racial não se confirma

Por Gislaine Buosi

Segundo os dicionários, democracia é o regime em que não existem desigualdades e/ou privilégios de classes; racismo é o preconceito por meio da discriminação; discriminação é separação. Logo, à luz dessas considerações, a democracia anula o racismo. Ledo engano. Num país de raças, credos, costumes e religiões diferentes, é quase impossível não falarmos em racismo. Aqui, a bandeira da democracia, sobretudo a da democracia racial, não se confirma.

A história registra que a Carta Áurea foi uma decisão política sem planejamento social. Com uma penada, os negros viram-se livres e, consequentemente, desassistidos. As porteiras foram, literalmente, abertas para a evasão dos negros. E pelas mesmas porteiras entraram europeus e asiáticos que substituíram a mão-de-obra escravizada, a troco de ínfimos salários. Data dessa época o começo do trabalho análogo ao de escravo, cujos reflexos colhemos até hoje.

Todavia, falarmos do racismo do africano, elevando o negro ao patamar máximo da discriminação, é ingenuidade. A uma porque o negro não foi escravizado por conta da ausência de cor – um indivíduo sem alma, nas palavras fiéis da Igreja – mas porque, como coisa, insistimos, era a moeda da época; a duas porque racismo tornou-se sinônimo de intolerância e, assim, há uma lista volumosa de itens repudiados por grande parte da sociedade: “quem gosta de velho é reumatismo”; “quem não é nada, é professor”; “aluno de escola pública só passa se tiver cota“; “gay é criatura do demônio”; “preto, pobre e prostituta devem mofar na cadeia”. E os apontamentos grosseiros multiplicam-se ao sabor da ignorância.

É verdade que, até hoje, poucas intervenções afirmativas foram destinadas à inclusão daqueles que vivem às margens do chantilly social. As cotas raciais e afins devem ser implementadas. Mas não é só: ao embalar políticas desse naipe, é preciso afixarmos ao rótulo um prazo de validade. Vinte anos. Trinta anos. Até que a Educação, sem falsas máscaras, seja, de fato, garantida a todos os brasileiros, independentemente do nariz achatado ou do cetim no berço.